

A roda do eterno retorno: “A liberdade e a necessidade do Anel” - Nietzsche¹

Aissa Afonso Guimarães

Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar e está a ponto de, dançando sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento.[...]O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez.²

O convite para participar desta edição comemorativa me fez retomar leituras profundas que influenciaram meus percursos acadêmicos e muito além determinaram para mim uma postura filosófica e de vida. Ainda no início de minha formação fui encantada pela força e estimulada pelo vigor da filosofia nietzschiana, com seu pensamento aforismático e profético, seu favoritismo pelos pensadores originários gregos e pelo amor aos mitos, através do “elogio” ao dionisíaco.

Atualmente atuo na área de artes, especialmente no campo do patrimônio imaterial, artes e culturas tradicionais³ afro-brasileiras. E, muito embora o conhecimento científico e erudito desqualifique os saberes tradicionais populares, o que se reflete no universo acadêmico, tanto nos campos da ciência, da filosofia como da arte, a força deste

¹ Referência ao título do artigo escrito para o primeiro número da Revista Ítaca. GUIMARÃES, Aissa A. *A Liberdade e a Necessidade do Anel*. In: *ÍTACA – Cadernos de Pós-Graduação*. Rio de Janeiro: PPGF/IFCS/UFRJ, 1995. P. 10-14

² NIETZSCHE, Friedrich. *O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. P. 31

³ Utilizarei os termos tradicional e tradicionais para referir-me aos povos e comunidades de culturas populares étnicas, especificamente citaremos os de matriz africana ou afro-brasileiros.

pensamento, a Vontade de Poder⁴, me fez buscar o diálogo entre a filosofia, as artes e a antropologia, em detrimento da especificidade das áreas de conhecimento e da produtividade acadêmica exigida nas universidades.

A possibilidade de reconhecimento de uma arte não canônica, perpetuada pela transmissão oral por meio de vivência estética expandiu meu pensamento sobre a Vontade de Poder, onde encontrei caminho e abrigo para as experiências de pensamento, como ocorre com as práticas culturais de povos e comunidades tradicionais no Brasil.

A profunda crítica nietzschiana ao ideal metafísico de verdade e aos valores ocidentais, orientada na desconstrução da ética cristã, para “a Transvaloração de todos os valores”, e revigorada por pensamentos como o Eterno Retorno e a Vontade de Poder, abriram-me perspectivas para pensar a partir do ponto de vista de uma formação híbrida, de culturas e tradições diversas, como é o caso da sociedade brasileira. Embora inicialmente insegura nesta reflexão, um pensamento me chegava com “pés de pomba”, o de que a arte, como antídoto para o sofrimento, encontra condições ontológicas em ritos de culturas tradicionais, que têm o corpo como linguagem.

A arte da qual Nietzsche nos fala é uma concepção diferenciada da arte ocidental como expressão do indivíduo, da subjetividade do homem moderno, burguês; esta é matéria da história e da crítica da arte, que nomeiam os estilos através de classificações específicas, e tratam da arte que ocupa os museus e espaços institucionais legitimados, este campo artístico tem seu domínio bem definido dentro do circuito do mercado de arte internacional, que movimentam um grande capital nas sociedades ocidentais globalizadas. O pensamento de Nietzsche busca a origem (*arkhé*) ontológica da arte como força criadora, movimento da própria natureza; jogo que torna a vida desejável, sentido estético da vida, através do equilíbrio entre os impulsos artísticos da natureza, o apolíneo e o dionisíaco, princípio intensificador da força, antídoto contra o niilismo. Nesta perspectiva,

⁴ Utilizamos a tradução Vontade de poder e não vontade de potência em função da tradução utilizada.

NIETZSCHE, Friedrich. *VONTADE DE PODER*. (Tradução do original alemão e notas Marcos S. P. Fernandes, Francisco J. D. de Moraes, apresentação Gilvan Fogel). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

o corpo é a natureza que vivência o rito, que experimenta o sentido trágico do mundo que habita o mito.

Nietzsche em *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos* (1872) apresenta a base de seu pensamento estético, por meio dos dois impulsos artísticos que se manifestam na natureza: o apolíneo e o dionísio. O primeiro remete às formas, este impulso artístico diz respeito à experiência onírica, a compreensão da figuração, das formas cognitivas da aparência, condição das artes plásticas, relacionado ao deus Apolo, divindade da beleza, da adivinhação e da individuação. O segundo relaciona-se à embriaguez, impulso enlevado pela lucidez aniquiladora do deus Dionísio, divindade da música e das artes sem formas, em que o subjetivo se desvanece no arrebatamento da embriaguez, que sela a emoção coletiva, onde tem origem às práticas culturais populares.

No segundo prefácio de 1886, *Tentativa de Autocrítica*, para *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, Nietzsche coloca uma questão transversal em sua obra, o problema do antagonismo entre o discurso racional e a arte trágica ou uma visão poética do mundo. Como esclarece Machado, o tentame é escrito no último período da obra filosófica do pensador, momento em que já compreendera e caminhava para a superação desta contrariedade, como será apresentado em *Assim falou Zarathustra* (1888)⁵

Mas, ao mesmo tempo, e sobretudo, está apontando uma dificuldade para toda filosofia, que, como a sua, reivindica uma postura trágica, e portanto, precisa se expressar numa linguagem adequada a essa visão do mundo: uma linguagem artística e não científica, figurada e não racional.⁶

Segundo Nietzsche a mentalidade ocidental se baseia no princípio único de verdade, sustentado durante séculos através da ideia de Deus, como esplendor da verdade, posteriormente pelo conhecimento científico e atualmente pela racionalidade tecnológica.

⁵ Livro em que Nietzsche supera este antagonismo, através de uma escrita poética, aforismática.

NIETZSCHE, Friedrich. *ASSIM FALOU ZARATHUSTRA – um livro para todos e para ninguém*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

⁶ MACHADO, Roberto. *ZARATHUSTRA – Tragédia nietzschiana*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. P.18.

A Morte de Deus, tema aforismático anunciado no livro *Assim falou Zarathustra*, aprofunda a crítica ao pensamento da unidade, da verdade e da ética cristã, tematizado em a *Genealogia da Moral* (1887) através da reflexão sobre má-consciência, culpa, castigo e ressentimento, e coloca o homem num caminho inevitável de esgotamento de valores. “*O que conto é a história dos dois próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode mais vir de outro modo: o advento do niilismo.*”⁷

“[1. *Niilismo como consequência da interpretação de valor da existência até hoje*] 2. *Que significa niilismo? – Que os valores supremos desvalorizem-se. [...]*”⁸. Na pós-modernidade vivemos o niilismo em escala planetária. Baudrillard intitula o livro em que discute este tema como *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos* (1992), quando o capital transnacional se torna o princípio e o fim das organizações econômicas e políticas, em detrimento das sociedades, através de processos acelerados de consumo que se apoderam do desejo dos indivíduos, desde o domínio da comunicação ao da produção de alimentos, racionalizado para abastecer a nova verdade, o domínio das sociedades através da globalização tecnológica e do capital transnacional.

A perda das referências espaço-temporais através da virtualidade, o aniquilamento dos Estados nacionais pelo capital transnacional, o esgotamento de valores burgueses que sustentavam os ideais de cultura erudita e de civilização substituídos pelos produtos indústria cultural, a linearidade do tempo histórico interrompido pela simultaneidade das mensagens/notícias, e a extensão física do espaço subtraída na rede virtual, todo esse acelerado processo de esvaziamento de sentidos é parte do que Nietzsche professou como o Niilismo europeu/ocidental.

Baudrillard aponta três hipóteses plausíveis sobre o desvanecimento/desaparecimento da história: a primeira é a aceleração das mensagens, das trocas, dos corpos, dos processos que fragmentam os fatos através dos *media*. “*Nenhuma linguagem humana resiste à velocidade da luz. Nenhum acontecimento resiste à difusão*

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder*. (Tradução do original alemão e notas Marcos S. P. Fernandes, Francisco J. D. de Moraes, apresentação Gilvan Fogel). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. P. 23.

⁸ Idem, ib. p. 29.

planetária”⁹. A segunda é relativa ao afrouxamento dos processos, quando a saturação e a multiplicação dos acontecimentos fazem com que estes percam seu sentido e intensidade histórica, “*Os acontecimentos sucedem-se e neutralizam-se na indiferença.*”¹⁰ E a terceira, a simulação escancarada, aquela que desnuda a história como um grande modelo simulador de fatos, acontecimentos e sentidos através da linearidade.

A nossa obsessão do tempo real, da instantaneidade da informação, não deixa de corresponder a um milenarismo secreto: anular a duração, o tempo diferido, o que está além do acontecimento, antecipar o seu fim, abolindo o tempo linear, agarrar as coisas quase antes de acontecerem.¹¹

A cultura produzida pela indústria cultural e anunciada como produto para o consumo é provisória, não cria vínculos de pertencimento, nem relações de identidade. Desse modo, Baudrillard retoma a crítica nietzschiana, não apenas por entender o processo planetário em que vivemos como niilismo dos valores ocidentais, mas principalmente por vincular seu início e sua base à ética e ao domínio cristão. Conforme retoma o autor, a perspectiva histórica da salvação, o advento do Reino de Deus, levou séculos para estabelecer seu domínio, através da violenta conquista de territórios e do aniquilamento das culturas de inúmeros povos. “*Qualquer coisa como um desafio ao tempo. Coletividades inteiras chegaram ao ponto de se autodestruírem para apressarem o advento desse reino.*”¹² A história do Reino de Deus se constitui como simulação, não só pela interpretação dos fatos e acontecimentos, mas pela linearidade em que estes transcorrem, ou seja, por uma única visão de mundo, centrada na ilusão da verdade, e que na contemporaneidade é interrompida pela simultaneidade.

⁹ BAUDRILLARD, Jean. *A ILUSÃO DO FIM ou a greve dos acontecimentos*. Lisboa: TERRAMAR, 2001. P.9

¹⁰ Idem, ib. P. 11

¹¹ Idem, ib. P.19

¹² Idem, ib. P. 17

O tempo das culturas de *arkhé*¹³ ou de povos e comunidades tradicionais segue o ciclo da natureza fundamentado nos mitos, o ritual atualiza a perfeição do momento primordial, origem de toda força. Muniz Sodré ao analisar o princípio vital da cultura banto (etnia de matriz africana), observa que a força é ela mesma o princípio manifesto, na cultura, no trabalho, nas relações, etc. ela é movimento, transformação dinâmica, por isso muitos rituais tem como finalidade assegurar a transmissão da força de vida, através de saberes e tradições.

Diferentemente da metafísica ocidental de inspiração judaico-cristã, que entende o ser como algo estático, o pensamento banto equipara ser a força. A força não é um atributo do ser, mas o próprio ser, encarado numa perspectiva dinâmica (e não estática, tal como se dá na ontologia judaico-cristã): o mundo não “é”, o mundo se faz, acontece.¹⁴

O retorno ao princípio originário, *arkhé*, é uma perspectiva possível para o entendimento da “Transvaloração de todos os valores” proposta por Nietzsche, onde se realiza o saber trágico, a compreensão mítica e a experiência da arte como expressão máxima de vitalidade, equilíbrio entre os impulsos artísticos da natureza, o dionisíaco e o apolíneo, que intensificam a potência da vontade e estimulam a vida.

Retomar esta dimensão não implica defender a existência de sociedades e/ou culturas autóctones, estes grupos e comunidades de culturas tradicionais no Brasil, ao contrário se constituíram, na diáspora, como culturas híbridas e existem dentro da sociedade hegemônica, são regidos pelas mesmas leis, falam as “mesmas línguas”, convivem com a indústria, o capital, a tecnologia e consomem seus produtos.

A transmissão de culturas étnicas tradicionais e populares em países culturalmente periféricos, como é o caso do Brasil, se realizou por meio de diferentes linguagens e práticas, apesar de todo empenho na colonização e catequização durante séculos. Muitos destes ritos e festividades populares, especialmente os de matriz africana, operam o rompimento com a tradição ocidental, através da

¹³ Cf. SODRÉ, Muniz. *O TERREIRO E A CIDADE a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Ed., Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

¹⁴ Idem, ib. P. 93

superação da dicotomia entre corpo e alma, dicotomia fundamental relacionada à moralidade cristã; e neste movimento reafirmam os impulsos artísticos da natureza que se perpetuaram nas tradições orais, através dos saberes, dos fazeres, das celebrações e de todas as formas de expressão do corpo e da musicalidade que habitam as rodas das culturas populares.

Esta circularidade, no sentido estético da permanência dos saberes pela oralidade, por meio da “com vivência” das gerações, é perpetuada comumente em práticas ritualísticas do catolicismo popular, que se realizam em muitos casos a despeito da igreja, pois estas tradições em variados locais, não são reconhecidas pelos padres e representantes religiosos; no entanto essas práticas atravessam as fronteiras da ética cristã, expandindo sua força e reafirmando o eterno retorno no ciclo de festividades, de encargos, de funções, em que reside a força da transmissão e das identidades.

No caso do Brasil, a reelaboração de culturas étnicas de matriz africana na diáspora criou novas linguagens e formas de comunicação através de rituais religiosos e de práticas culturais. Linguagens poéticas, poesia cantada, palavras eficazes comandadas pelo ritmo e pela força dos tambores e dos saberes artísticos ancestrais, que encanta as rodas, na magia dos jongos, nas cantigas e ladainhas da capoeira ou na manifestação corpórea dos orixás dançantes do candomblé, expressões vivas da Vontade de poder.

Para Nietzsche a superação da racionalidade se dá pela arte ou vivência estética. Talvez por isso o sábio eremita, Zarathustra, o anunciante do tema a Morte de Deus, na passagem “Do ler e escrever” relacione a arte à divindade: “*Acreditaria somente num Deus que soubesse dançar. E, quando vi o meu Diabo, achei-o sério, metódico, profundo, solene: era o espírito de gravidade – a causa pela qual todas as coisas caem.*”¹⁵; esta frase sempre ecoou em meu pensamento, manifesta na imagem da dança dos orixás, o que me trazia com “pés de pomba” uma profunda certeza de que existem deuses dançantes e ritos dionisíacos na religiosidade e nas culturas afro-brasileiras, e que a Vontade de Poder se potencializa através destas práticas, saberes e valores alheios à tradição europeia do conhecimento ocidental.

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *ASSIM FALOU ZARATHUSTRA – um livro para todos e para ninguém*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987. P. 58

Que não haja disputas sobre o sentido do título com o qual este evangelho-do-futuro quer ser chamado. “A vontade de poder. Tentativa de uma transvaloração de todos os valores” – com essa fórmula expresso um contramovimento, no que toca ao princípio e à tarefa: um movimento que substituirá em algum futuro aquele niilismo consumado;[...]¹⁶

As badaladas ressoam neste instante, anunciando o Eterno Retorno, fluxo que irremediavelmente retorna em todos os instantes, tempo cíclico da *arkhé*, gerado pela energia primordial, a Vontade de poder, força que move o rito, que faz a roda do mundo girar.

¹⁶ Idem. *VONTADE DE PODER*. (Tradução do original alemão e notas Marcos S. P. Fernandes, Francisco J. D. de Moraes, apresentação Gilvan Fogel). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. P. 23

